

“SOU MULHER E JOGO BOLA”: QUESTÕES SOBRE FEMINILIDADES E SEXUALIDADES DE ATLETAS DE FUTSAL

Bárbara Aparecida Bepler Pires¹, Mariana Cristina Borges Novais², Monique Torga³, Ludmila Nunes Mourão⁴

1- Universidade Federal de Juiz de Fora. Bacharel em Educação Física (UFJF).

barbarabepler@gmail.com

2- Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Educação Física (UFJF).

mariana.acejr@gmail.com

3- Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestranda em Educação Física (UFJF).

moniquetorga@gmail.com

4- Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Educação Física (UGF/RJ).

mouraoln@gmail.com

RESUMO

Sabe-se que as práticas esportivas representam hoje um fenômeno cultural com grande abrangência e visibilidade no cenário mundial. Entretanto, também produz desigualdades e diferenciações de gênero, construindo formas e papéis a serem representados por homens e mulheres. Tais papéis, uma vez reproduzidos, edificam noções rígidas e fixas de feminilidade e de masculinidade. Na medida em que algumas mulheres atletas de futsal confrontam esses papéis e subvertem o padrão, têm sua feminilidade e sexualidade colocadas sob suspeita. Esta pesquisa, tem como objetivo relacionar as experiências e os discursos das jogadoras de futsal de Juiz de Fora com as questões relacionadas às feminilidades e sexualidades. O estudo do tipo descritivo e de abordagem qualitativa entrevistou oito atletas de futsal da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, em 2017. Os discursos das atletas apontam para um latente preconceito acerca de suas feminilidades e de suas sexualidades, culminando na atribuição generalizada de um estereótipo de homossexualidade, fato que se configura como mais uma barreira para o acesso, permanência e ascensão de mulheres na modalidade.

Palavras-chave: mulher; feminilidades; sexualidades; futsal.

"I AM A WOMAN AND PLAY SOCCER": QUESTIONS ABOUT FUTSAL ATHLETES SEXUALITIES AND FEMININITIES

ABSTRACT

It is known that sports practices today represent a cultural phenomenon with great breadth and visibility on the world stage. However, it also produces gender inequalities and differentiations, constructing forms and roles represented by men and women. Such roles once reproduced construct rigid and fixed notions of femininity and masculinity. To the extent that some female futsal athletes confront these roles and subvert the pattern, they have their femininity and sexuality placed under suspicion. This research aims to relate the experiences and speeches of the futsal players of Juiz de Fora with issues related to femininity and sexuality. The descriptive and qualitative approach interviewed eight futsal athletes from the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, in 2017. The discourses of athletes point to a latent prejudice about their femininity and their sexualities, culminating in the generalized attribution of a stereotype of homosexuality, a fact that is configured as another barrier to access, stay and rise of women in the modality.

Keywords: Woman; femininities; sexualities; futsal.

“SOY MUJER Y JUEGO PELOTA: PREGUNTAS SOBRE FEMINIDAD Y SEXUALIDAD DE ATLETAS DE FÚTBOL SALA”

RESUMEN

Se sabe que las prácticas deportivas de hoy representan un fenómeno cultural con gran amplitud y visibilidad en el escenario mundial. Sin embargo, también produce desigualdades y diferenciaciones de género, construyendo formas y roles para ser representados por hombres y mujeres. Tales roles una vez reproducidos construyen nociones rígidas y fijas de feminidad y masculinidad. En la medida en que algunas atletas de fútbol sala enfrenten estos roles y subviertan el patrón, tienen su feminidad y sexualidad bajo sospecha. Esta investigación tiene como objetivo relacionar las experiencias y los discursos de jugadoras de fútbol sala de Juiz de Fora con temas relacionados con la feminidad y la sexualidad. El enfoque descriptivo y cualitativo entrevistó a ocho atletas de fútbol sala de la ciudad de Juiz de Fora, Minas Gerais, en 2017. Los discursos de los atletas apuntan a un prejuicio latente sobre su feminidad y su sexualidad, que culminan en la atribución generalizada de un estereotipo de homosexualidad, un hecho que se configura como otra barrera para el acceso, la permanencia y el ascenso de las mujeres en la modalidad.

Palabras clave: mujeres; feminidad; sexualidad; fútbol sala

Fontes de Financiamento: CNPq e CAPES.

INTRODUÇÃO

O futebol em sua natureza não é um esporte de difícil acesso, mas requer um espaço amplo para a realização das suas partidas. Devido à dificuldade de encontrar campos apropriados, em meados da década de 1940, na Associação Cristã de Moços, em São Paulo, emerge um novo esporte denominado de futebol de salão¹, ou como é mais conhecido hoje, o futsal. Institui-se, então, um espaço menor e mais acessível para a prática da nova modalidade: a quadra.

Ainda que a estrutura necessária para o jogo e o menor número de participantes exigidos no futsal apresente maior possibilidade de acesso, não podemos afirmar que trata-se de um esporte plenamente democrático no que tange ao acesso para homens e mulheres. Já encontra-se consensualmente estabelecido na literatura tangente à história das práticas corporais e esportivas, que as condições de acesso proporcionadas às mulheres, quando comparadas aos homens, estão longe de ser equitativas. Porém, é consenso também que mesmo de maneira lenta, esse panorama vem sendo modificado no âmbito da prática esportiva, principalmente no alto rendimento, no qual é possível identificar um aumento da participação das mulheres como atletas em esportes antes interditados a elas (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012).

Em 14 de abril de 1941, no Brasil, o Decreto-lei 3199², outorgado pelo presidente Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado Novo, oficializou a inadequação das mulheres a algumas práticas esportivas, justificando tal medida a partir da ideia de preservação do corpo feminino, portador de uma “natureza frágil”. Até então, o Decreto não mencionava quais modalidades esportivas estariam proibidas. O Conselho Nacional de Desportos só regulamentou esse decreto por meio da deliberação nº 7, em 1965, quando foram definidas as regras para a participação das mulheres nos esportes, não sendo permitida a elas a prática do *futebol*, do *futsal*, do *futebol de praia*, do polo, do halterofilismo, do baseball e das lutas de qualquer natureza (Grifo nosso).

¹ O novo esporte é caracterizado por utilizarem cinco jogadores em cada equipe e uma bola mais pesada e menor que a usada no futebol. Os dados podem ser extraídos do site da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS). Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

² Decreto-lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição. Capítulo IX - Disposições gerais e transitórias: Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm> Acesso em: 20 dez. 2018.

Essa proibição sem dúvida gerou retrocessos para a modalidade e também na organização do esporte para as mulheres. Considerado impróprio e masculinizante, o envolvimento das mulheres ficou marcado cultural e simbolicamente. Dessa forma, foi e ainda é premente a necessidade de transpor barreiras culturais para que as mulheres possam se inserir, permanecer e ascender na prática esportiva.

É importante destacar que, embora as mulheres estivessem interdidas legalmente à prática oficial do futsal através de uma política esportiva de exclusão, elas não deixaram de jogar informalmente ou de se interessar pela modalidade durante os 38 anos pelos quais vigorou a proibição (FERNANDES; MOURÃO, 2013). Revogado apenas no ano de 1979, o referido decreto e suas deliberações não impediram de fato que as mulheres praticassem os esportes considerados incompatíveis com sua natureza, mas as impediram de formar equipes oficiais representativas da modalidade em nível local, regional, nacional e internacional, e participar de competições. Essa situação não só isolou as mulheres como cerceou o desenvolvimento desses esportes para elas durante décadas, trazendo, assim, impactos até os dias atuais (KESSLER, 2016).

Afirmar que a inserção das mulheres na modalidade foi impedida apenas pela Deliberação 7/65 não é plausível, como também não nos cabe dizer que após a sua revogação, elas tiveram amplo acesso ao futsal e todos os seus direitos garantidos. Damo (2016, p. 10), no prefácio do livro “Mulheres na Área”, afirma que “ainda há muito preconceito e ele não habita a legislação, mas a cultura”. Nesse contexto, podemos pensar nas relações de exclusão e poder em que se inserem essas práticas esportivas, com discriminações e preconceitos construídos sobre as questões de gêneros, feminilidades e masculinidades, das quais o esporte e, especificamente o futsal, faz parte. Para Damo:

O sportman foi o agente principal desse processo³, sobretudo nos tempos do amadorismo, uma modalidade de ideologia com lampejos aristocráticos que ruiu com a popularização dos esportes. É para ele que devemos olhar quando desejamos compreender como o lugar das mulheres foi sendo urdido nesse espaço que, mais de um século e meio depois de sua invenção, continua reservando a elas uma posição marginal, em que pesem algumas exceções. O sportman é uma versão particular do gentleman e ambos remontam à noção de cavalheirismo (DAMO, 2016, p. 7).

O autor faz menção ao cavalheirismo e como ele ajudou a forjar o esporte contemporâneo através dos seus valores hierárquicos em que os homens, em primeiro lugar, e

³ O processo ao qual o autor faz referência é a construção dos valores inclusos no esporte contemporâneo como competitividade, respeito às regras e culto ao mérito, por exemplo. Nos esportes de espetáculo, como é o caso do futebol, esses valores são ainda mais consolidados.

as mulheres, posteriormente, se relacionam na vida cotidiana. Nesse ambiente, ambos possuem suas funções e cabe ao homem ser o responsável pela segurança e proteção (DAMO, 2016), ocupando então posições de alta importância para a sociedade.

Corroborando essa posição, Goellner (2005) defende que o esporte, além de preservar e reproduzir o que está posto na sociedade, também produz desigualdades e diferenciações de gênero, sendo capaz de estabelecer os papéis a serem ocupados (ou não) por homens e mulheres. Tais papéis, conforme destaca Louro (2001), são construídos a partir de investimentos e pedagogias de inúmeras instâncias sociais, produzindo noções rígidas e fixas que acabam por constituir uma ideia de feminilidade e de masculinidade hegemônicas.

Dentro de uma concepção hegemônica de feminilidade, a verdadeira mulher, para além da vagina, é aquela cujo corpo traduz os padrões de beleza e vaidade concebidos socialmente, e também aquela que manifesta desejo afetivo-sexual por homens. De acordo com Goellner (1999, p. 49), “para ser belo o corpo da mulher deve ser forte, ágil, harmonioso e atlético. No entanto, não pode deixar de ser gracioso, delicado e fértil, pois é na feminilidade que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem”.

Camargo e Kessler (2017) também problematizam o binarismo no âmbito esportivo, especialmente no que concerne aos corpos esportivos das mulheres que, uma vez inseridos em uma área social e culturalmente reservada aos homens, são inferiorizados em termos de desempenho atlético e/ou erotizados/objetificados em relação à sua beleza.

Podemos inferir que as representações e significações atribuídas ao futebol e ao futsal de mulheres, bem como a essas mulheres, estão presas a um conceito de feminilidade hegemônica e de heteronormatividade⁴. Entretanto, são mulheres que borram essas fronteiras, embaralham esses limites, abalando o esquema binário proposto, e ainda apontam para a existência de múltiplas formas de viverem suas feminilidades e sexualidades.

Porém, na medida em que resistem à heteronormatividade e subvertem o padrão, frequentemente, elas têm sua feminilidade e sexualidade colocadas sob suspeita, sendo atribuído a elas o estereótipo da homossexualidade, conforme constatou Novais (2018) ao analisar a trajetória de mulheres treinadoras de futebol no Brasil.

Diante do exposto, buscamos através dos discursos e das trajetórias de mulheres atletas de futsal relacionar, nas experiências e nos discursos dessas mulheres, as questões de feminilidades e de sexualidades presentes no futsal.

⁴ Norma que articula as noções de gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa) (SEFFNER, 2013, p. 150).

Para tanto, este artigo está organizado a partir desta introdução, seguido pela apresentação do percurso metodológico eleito para melhor cumprir com o objetivo. Posteriormente, é composto pela análise dos discursos das mulheres atletas de futsal com base em suas trajetórias, e se encerra nas considerações finais resultantes desta investigação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física e se enquadra na abordagem qualitativa de pesquisa, visto que lida com interpretações das realidades sociais das atletas (BAUER, GASKELL, 2013). Essa abordagem é, segundo Martins (2004), aquela que possui foco na análise de micro processos, fazendo uso do estudo aprofundado das ações sociais individuais e grupais, realizando uma análise intensiva dos dados correlacionando-os a heterodoxia do momento. Ela se baseia em conhecer as participantes, seu perfil, suas trajetórias e discursos acerca da feminilidade e sexualidade como temáticas relacionadas à prática do futsal.

Conforme destacou Novais (2018), estudos relacionados às questões de gênero, sexualidade e os desafios, e conquistas das mulheres nos mais diversos âmbitos, vêm ganhando espaço na academia, tendo como matriz teórica predominante o pós-estruturalismo. De acordo com Aguilar e Gonçalves (2017), essa perspectiva surgiu como uma alternativa de repensar e ressignificar as antigas teorias estruturalistas por meio da desconstrução de alguns conceitos considerados até então como verdades absolutas. Algumas teorias se vinculam diretamente a essa perspectiva, tais como a teoria do discurso, os estudos culturais e a teoria *Queer* (NOVAIS, 2018).

As participantes desta pesquisa foram oito mulheres atletas de futsal que representaram a cidade de Juiz de Fora nos Jogos do Interior de Minas⁵ no ano de 2017. A escolha das participantes se deu por entendermos que elas são referências como atletas na cidade, resistem a um modelo de prática esportiva em que há poucas oportunidades e também pela emergência em dar visibilidade às suas conquistas.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como instrumento na coleta de dados pela necessidade de obtenção de informações que só podem ser fornecidas pelas atletas selecionadas e conhecedoras da temática em questão (ROSA; ARNOLDI, 2009). O roteiro de entrevista foi construído no interior do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde

⁵ Uma das maiores competições de futsal de mulheres disputadas no estado de Minas Gerais. É promovida pelo Governo de Minas todos os anos, em quatro fases distintas com cidades sedes específicas. Mais informações disponíveis em <<http://jimi.esportes.mg.gov.br/>>.

e Sociedade (GEFSS) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e abrange questões que versam desde a iniciação no esporte, o apoio familiar, o suporte ou não de um clube ou escolinha, os fatores motivadores e desmotivadores para a prática do futsal, até o reconhecimento financeiro e as pretensões e sonhos dessas mulheres no esporte.

A pesquisa foi realizada seguindo as diretrizes éticas. Todas as participantes foram esclarecidas sobre os objetivos deste estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram realizadas face a face – com seis das oito entrevistadas – no local de melhor acesso para cada atleta e gravadas simultaneamente pelo aplicativo de celular Voice Recorder® e também no computador através do gravador de som previamente instalado no sistema Windows 7®, a fim de evitar perda de informações ou problemas. Duas das oito entrevistadas não encontraram compatibilidade de horário e realizaram as entrevistas pelo aplicativo de celular WhatsApp Messenger®, utilizando a ferramenta de áudio contida nele. Félix (2014), em seu estudo acerca de metodologias de pesquisa, discorre sobre o uso das ferramentas online e bate-papos virtuais como uma nova possibilidade de pesquisa e coleta de dados. Sendo assim, os áudios gravados pela ferramenta WhatsApp Messenger® não comprometem e nem limitam o presente estudo (PIRES, 2018).

Os áudios foram transcritos de forma literal, seguindo as orientações do Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME)⁶. Segundo Rosa e Arnoldi (2009), quanto mais completas e íntegras forem as transcrições, maiores serão as possibilidades de sucesso na análise.

Com o objetivo de preservar a identidade das entrevistadas, no momento de citação suas respostas, as identificamos pelo uso da letra A (em maiúsculo) seguida do numeral (1 a 8), de acordo com a ordem de realização das entrevistas.

ANÁLISE DE DADOS

Reconhecendo o papel ativo do “sujeito na produção do conhecimento, reconhecendo o poder da fala humana” (FRANCO, 2008, p. 7;10), e entendendo que o comportamento humano, sua expressão verbal, gestual e tudo que o compõe são indicadores imprescindíveis para a compreensão dos problemas da sociedade (FRANCO, 2008, p. 8), a análise de dados

⁶ Projeto “Garimpendo Memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Brasil”. **Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa/1_Garimpendo_Memorias__esporte__educacao_fisica__lazer_e_danca_no_Brasil>. Acesso em: 27 maio, 2018.

foi realizada por meio da Análise de Conteúdo qualitativa. Operacionalmente, a Análise de Conteúdo dispõe de variadas técnicas, que podem ser escolhidas por quem pesquisa de acordo com o tipo de pergunta elaborada e o tipo de conhecimento que se deseja produzir frente ao objeto estudado (OLIVEIRA, 2008 *apud* CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014). Dentre essas técnicas, tem-se a chamada Análise Temática, segundo a qual analisamos os dados desta investigação que, por sua vez, desdobra-se nas etapas de pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação (MINAYO, 2007).

Na fase de pré-análise se constitui todo o *corpus*, a formulação ou reformulação de hipóteses e pressupostos (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014). Realizamos o agrupamento das oito entrevistas e procedemos com a leitura a fim de observar a coerência dos dados com as questões norteadoras do estudo. Em seguida, demos início à fase de exploração do material, mais especificamente com a busca por categorias, que são expressões ou palavras em função das quais o conteúdo de uma fala está organizado. Para tanto, destacamos manualmente no texto dos áudios transcritos as respostas diretas a cada pergunta e seus respectivos complementos quando eram relevantes ao tema estudado. Dessa forma, emergiram três principais categorias de análise, as quais serão explicitadas e debatidas nesta investigação: questões sobre feminilidades; estereótipo de homossexualidade e; objetificação/erotização da mulher.

Conforme mencionado no início da seção 2, o presente estudo se configura como um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física que possuía objetivos mais abrangentes do que aqueles elencados para esta investigação e, por conseguinte, mais categorias de análise. Embora tenham sido efetivadas entrevistas com oito atletas, em relação às categorias eleitas para o presente debate, apenas cinco atletas adentraram nas questões e por isso, no corpo do texto da seção 4, pode-se observar a apresentação das falas apenas de A1, A2, A3, A4 e A8.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As colaboradoras deste estudo têm média de idade de 24 anos. A maioria delas nasceu em Juiz de Fora e todas são naturais do Estado de Minas Gerais. O quesito naturalidade é destacado com intuito de evidenciar a qualidade inerente das atletas do município, visto que, para participar do JIMI por uma determinada cidade não é necessário ter nascido nela. Logo, se a qualidade das atletas não fosse equivalente ao nível da competição, seria possível convidar mulheres de outras localidades para compor o time. Esse comentário é relevante para

conhecermos a qualidade do futsal apresentado por essas mulheres, pois todas fazem parte da seleção de futsal de Juiz de Fora.

É sabido que as mulheres enfrentam grandes desafios para iniciarem na prática, permanecerem nela e, sobretudo, ascenderem enquanto atletas ou profissionais dentro do âmbito esportivo. De acordo com Goellner (2005), o ambiente esportivo em geral se apresenta como um terreno de afirmação da identidade “masculina” e, portanto, preserva e reforça as desigualdades culturais entre os gêneros, além de reproduzir o que durante muito tempo se fez presente nas representações sociais acerca dos papéis desempenhados por homens e mulheres. Ainda assim, em sua maioria, as meninas iniciam sua relação com o esporte na infância com o incentivo de membros de suas famílias e, na maioria das vezes, incentivadas por homens (FERREIRA, 2012; FERNANDES, 2014; MONTEIRO, 2016).

Com as atletas de futsal desta investigação não foi diferente, e assim como constatou Pisani (2012) em seu estudo com jogadoras de futebol, as meninas do futsal de Juiz de Fora também iniciaram sua prática com meninos. Essa característica da trajetória das atletas entrevistadas requer análise, uma vez que é desde esse momento de suas vidas que a forte reprodução dos valores culturais e das representações sobre o que é “papel de menina” e o que é “papel de menino” começam a se tornar questionamentos frequentes e, no caso específico de meninas que jogam futsal, começam a se tornar barreiras à prática do esporte.

Duas atletas entrevistadas, narram que o fato de jogarem bola com os meninos, chegou a levar suas mães a desejarem que elas interrompessem o jogo de futsal:

[...] e minha mãe também começou a ficar com medo de eu me machucar [...] (A1).

Já minha mãe depois de um tempo começou a achar ruim porque eu aparecia muito marcada, chegava com muito roxo, ai pegava mal, mas nunca proibiu nada também não (A3, grifo nosso).

Os relatos das mães corroboram o estudo de Novais (2018), quando a autora disserta sobre os corpos das atletas e a sua inadequação perante a concepção de feminilidade preconizada na sociedade. O corpo da mulher “se oferece e é oferecido ao olhar” (GOELLNER, 1998), portanto, não poderia ser marcado e machucado pelas suas práticas corporais. Nesse sentido, as mães passaram a se preocupar com a continuidade da prática e não incentivar mais o envolvimento de suas filhas com o futsal.

A preocupação das mães com a integridade física das filhas é plausível, mas os discursos vão além do que se espera de marcas no corpo de uma jovem mulher. A Atleta 3

nos diz que sua mãe reclamava que ela “*chegava com muito roxo aí pegava mal*” e que “*o corpo cheio de roxo*” não representa um corpo feminino. Dentro de uma concepção de feminilidade normativa, tais “marcas” são incompatíveis com a natureza e fragilidade da mulher.

A Atleta 2 traz em seu discurso a representação de que homens e mulheres, independentemente de serem da família, têm sobre a menina que joga futsal:

Há o preconceito da família, da rua, do pessoal vizinho falar: ‘ela tem que agir assim como menina’ e meu pai ouvia e minha avó era vizinha e ela reclamava. Aí isso assim pra mim foi muito complicado (A2, grifo nosso).

Ainda problematizando o lugar e a feminilidade de meninas e mulheres envolvidas no futsal, evocamos os pensamentos de Damo (2006), que desenvolveu um trabalho no qual se dedicou a analisar “As dramatizações de gênero numa configuração futebolística”. Nesse trabalho, o autor se debruçou sobre a realidade da rua buscando “mostrar a maneira como o jogo de futebol se presta para dramatizar determinados códigos éticos e estéticos associados ao masculino e ao feminino” (DAMO, 2006, p. 1), trazendo como principal argumento que o futebol é um jogo culturalmente definido como masculino e masculinizante. Ao observar a realidade da rua, com o olhar centrado na sociabilidade e na dinâmica do grupo como um todo, o autor conclui que o futebol é praticado por razões de ordem simbólica. Portanto, os meninos que não se ocupam de sua prática têm seu *status* comprometido, e as meninas, por sua vez, tendem a se excluírem.

Quando o autor menciona o possível comprometimento do *status* do menino, ele se refere ao fato de que aquele que não se ocupa daquela prática, tida como masculina e masculinizante, terá sua masculinidade confrontada pelos demais. Ainda com base nas ideias de Damo (2006), força, virilidade, agressividade e coragem, são características valorizadas no jogo de futebol e futsal e, para além disso, esses atributos são tidos como prerrogativa do masculino. Portanto, toda essa matriz heteronormativa leva a uma suspeição sobre a sexualidade de meninos que não se importam em praticar o esporte e das meninas que gostam de praticar o futsal.

Dito de outra forma, as pessoas tendem a estabelecer uma relação de causa e efeito entre o tipo de prática esportiva e a sexualidade dos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres. De fato, a análise da sexualidade está presente em estudos que abordam os esportes socialmente considerados masculinos quando praticados por mulheres (MENNESSON, 2004; 2005; MENNESSON; CLÉMENT, 2003; DORNELLES, 2004), possivelmente devido à pluralidade de maneiras de viver a sexualidade de suas praticantes. É um assunto que chama a

atenção pela heterogeneidade e pela quantidade de mulheres homossexuais presentes nas equipes de futsal ou futebol (SILVEIRA; STIGGER, 2009). Entretanto, estereotipar a orientação sexual de sujeitos baseando-se em suas relações com determinadas práticas corporais e esportivas, se configura como um equívoco ancorado sobre uma noção singular de feminilidade e masculinidade atreladas também a um trinômio chamado sexo-gênero-sexualidade que dita as regras numa matriz heteronormativa:

A partir da constatação da produção discursiva sobre o conceito biológico “imutável” do sexo, abre-se a possibilidade do questionamento de um sistema normativo engendrado em nossa sociedade, com fortes reflexos no campo das práticas corporais esportivas: o sistema sexo-gênero-sexualidade. Esse diz respeito à associação direta de um “sexo biológico” (macho ou fêmea), geralmente pronunciado pelo discurso médico, a um gênero (masculino ou feminino), que fica evidente nos processos de significação dos corpos e construção de feminilidades e masculinidades normalizadas, e uma sexualidade heteronormativa compulsória relegada aos sujeitos (SOARES *et al.*, 2017, p. 256).

O equivocado atrelamento entre a biologia do ser, sua maneira de se identificar e expressar, somados aos seus anseios sexuais e afetivos, causa um deturpamento nas representações sobre essas mulheres que, em incontáveis ocasiões, acabaram sendo alvos de preconceitos, conforme destacam as Atletas 4 e 8:

Acho que o preconceito é muito influenciador nessa questão porque ele tá ligado, às vezes, a gente pode até achar que não, a investimento. E eu acho que também não é culpa só dos investidores é também muito culpa talvez de algumas mulheres, também, por certas atitudes, isso eu não deixo de achar não, mas, por exemplo, eu já ouvi patrocinador falar assim: ‘Mas eu vou patrocinar um time de mulher ou é um time de sapatão?’ Entendeu? Eu acho que já vem o preconceito assim. Já tem menina lá no sub 17 do nosso time que a mãe não deixa vir no jogo porque acha que a filha vai namorar fulana ou ciclana (A4, grifo nosso).

[...] eu ainda sinto muito a indiferença, alguns olhares... Às vezes até pra gente conseguir patrocínio, às vezes o masculino é mais beneficiado que o feminino. Às vezes o masculino apresenta mais credibilidade do que o feminino, mas tudo isso por causa do preconceito (A8).

A Atleta 4 concede a culpa pela falta de investimento também às atitudes de algumas mulheres. O termo “sapatão” utilizado pela entrevistada, dentro do imaginário “nacional”, não é apenas uma mulher homossexual, ele exprime uma masculinidade exacerbada e é uma acusação, um estereótipo negativo (ALMEIDA, 2016). O codinome, quase sempre pejorativo, direcionado às mulheres que se relacionam afetivamente com mulheres, normalmente caracteriza certo grupo que foge ao padrão da feminilidade socialmente construída. Tal

posição tomada pela atleta apenas ratifica o quanto é urgente a discussão e a popularização dos conhecimentos reunidos sobre sexo, gênero e sexualidade, para que cada vez mais a sociedade tenha discernimento de que o órgão biológico não controla e não está estritamente ligado à identidade de gênero de nenhum sujeito, assim como essa identidade não necessariamente implicará em sua orientação sexual.

As mulheres praticantes de futsal de nossa investigação, não somente enfrentam barreiras associadas aos estereótipos de feminilidade e sexualidade, mas também, do mesmo modo que as mulheres praticantes de outras modalidades, precisam lidar com o assédio por parte dos homens que insistem em objetificar e erotizar o corpo feminino, conforme concluíram Camargo e Kessler (2017). Uma das participantes afirma que já presenciou homens demonstrando interesse em uma de suas colegas e narra como isso reflete na quadra:

[...] Homens, treinador do sexo masculino com interesse em jogadoras, eu via muito isso, pulava fora do futebol, eram outros quinhentos. Chegava para jogar bola com outras meninas, mas não era por causa do futebol delas, é porque tinha um corpinho bonitinho [...] (A4, grifo nosso).

A valorização do corpo da mulher em detrimento de seu desempenho atlético não é algo novo. Esse é um problema antigo e sustentado também por todos os tipos de mídias. Em uma etnografia virtual desenvolvida por Rihan (2016), no site *Globoesporte.com*, cujo objetivo foi identificar quais valores são emanados a partir desse tipo de produção midiática e como ela está interpretando as experiências de homens e mulheres no futebol, foi possível concluir que, na maioria das vezes, “são veiculadas com mais frequência notícias acerca do esporte praticado por homens, invisibilizando os feitos das mulheres atletas de acordo com a prática, trazendo para as reportagens importância maior aos atributos físicos em detrimento da performance” (RIHAN, 2016, p. 46-47). Essa conjuntura faz com que a objetificação, a erotização e, em casos mais extremos, o assédio às mulheres no âmbito esportivo seja banalizado ou negligenciado.

Portanto, frente ao exposto e à literatura já produzida sobre as questões de gênero, feminilidades e sexualidades de mulheres no futebol e futsal, podemos perceber e afirmar que as mulheres que se inserem no futebol lutam, resistem, e sua permanência é ainda um desafio diante das discriminações de gênero, da precariedade do esporte para mulheres e das oportunidades. Mas, elas demonstram muita coragem e vontade de vencer as barreiras e os preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sou mulher e jogo bola”. Retomando o discurso do título deste manuscrito, buscamos elucidar, por meio do aporte teórico apresentado e por meio dos discursos das atletas, que o “ser mulher esportista” abarca uma gama de pluralidades e possibilidades. O estudo nos coloca diante das representações sociais sobre a prática esportiva, o futsal, e as feminilidades sobre os sujeitos, além de associar suas formas de expressão à orientação sexual.

Foi possível verificar que as mulheres atletas de futsal deste estudo sofrem desde a infância com a discriminação da família e da comunidade. A mulher que escolhe praticar uma modalidade esportiva, socialmente construída e consolidada como de homens, tem sua feminilidade questionada e sua sexualidade colocada em suspeição. Atribui-se às atletas de futsal, em geral, o título de “sapatão”, e isso traz consequências negativas à inserção de meninas mais novas na modalidade, abala as possibilidades de permanência de algumas que já se estabeleceram no esporte, bem como limita e torna escassa a aproximação de patrocinadores para as equipes e, assim, compromete as chances de ascensão das mulheres no futsal.

Referências

- AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. . Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 36-44, mar., 2017.
- ALMEIDA, C. S. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um material prático** - 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017 .
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014.
- DAMO, A. S. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. **Anais... VII Seminário Fazendo Gênero. Práticas corporais e esportivas**. ST 21, 2006.
- DAMO, A. S. Prefácio. In: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- DORNELLES, P. G. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural**. Monografia (Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde). Porto Alegre: EEF/UFRGS, 2004.
- FÉLIX, J. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.) **Metodologias**

de pesquisas pós-críticas em educação. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 135-154.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. Representações de feminilidades no boxe para mulheres. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Representações de feminilidades no boxe para mulheres. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

FERNANDES, V. **Mulheres de ouro**: trajetória e representações de mulheres atletas de lutas. Dissertação (Mestrado em Educação Física). – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Viçosa: UFV, 2012.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Série Pesquisa. V. 6. Brasília, 3ª edição: Laber Livro Editora, 2008.

GOELLNER, S. V. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-57, 1998.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1999.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

KESSLER, C. S. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. p. 7-34.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 287-298, maio/ago., 2004.

MENNESSON, C. **Être Une femme dans le monde des hommes**: Socialisation sportive et construction du genre. Paris: L'Harmattan, 2005.

MENNESSON, C. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans un sport dit «masculin». In: **Dispositions et pratiques sportives**: débats actuels en sociologie du sport (Société Sociologie du Sport de Langue Française). Paris: L'Hamattan, 2004, p. 37-53.

MENNESSON, C.; CLÉMENT, J. P. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: **International Review for the Sociology of Sport**, p. 311-330, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406 p.

MONTEIRO, I. C. **Mulheres de preto**: trajetórias na arbitragem do futebol profissional. Dissertação (Mestrado em Educação Física). – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

NOVAIS, M. “**À beira do gramado ou fora do jogo?**”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

PIRES, B. A. B. “Como elas chegaram até aqui?”: As trajetórias esportivas de mulheres atletas de futsal. 134 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física, 2018.

PISANI, M. S. **Poderosas do Foz**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RIHAN, T. M. **A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil**: o que noticiam sobre elas? Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 219-237, 2012.

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Estudo etnográfico no futsal feminino: discutindo esporte e homossexualidade. **Anais...** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador, Bahia, Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

SOARES, J. P. F. *et al.* Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 107-118, jan./mar. de 2018.